

A escrita boppiana como um percurso das suas viagens

Boppian writing as a route of his travels

Fabíola Guimarães Pedras Mourthé¹

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Resumo: O presente artigo aborda o percurso do poeta modernista e viajante obstinado Raul Bopp, incluindo a sua atuação tanto no Movimento Antropofágico como o seu empenho na divulgação e edição da *Revista de Antropofagia*. Para Bopp, a viagem determina a escrita. Ela está aberta para o mundo visto, imaginado, visitado. Fundamentalmente ressalta a especialíssima escrita boppiana, desenvolvida entre e durante viagens, muitas vezes dispersiva, fragmentária, inconstante, outras vezes telegráfica e abreviada como eram as correspondências enviadas aos amigos. Nos textos literários observa-se algo errático, com suas retomadas e repetições, também não abdicando da busca de perfeição, como em *Cobra Norato*. Ressalta também o uso de diminutivos como marca de sua formação e marcante propensão do Modernismo para a transformação da linguagem normativa, com suas tendências retóricas classicizantes, em uma linguagem mais descontraída, brincalhona, irônica e lúdica. E ainda evidencia o processo de criação, a diversidade temática, os preparativos para a escrita e o esboçar da trama do seu *Cobra Norato*, poema fulcral do Modernismo brasileiro. Enfim, escrever em viagem e sobre viagens, fragmentariamente, renova o processo antropofágico de tudo devorar à sua volta, quando se desloca.

Palavras-chave: Raul Bopp; escrita; viagem.

Abstract: This article deals with the path of the modernist poet and obstinate traveller Raul Bopp, including his work both in the Anthropophagic Movement and his commitment to the dissemination and edition of the Anthropophagy Magazine. For Bopp, the journey determines the writing. It is open to the world seen, imagined, visited. Fundamentally, it emphasizes the very special Boppian writing, developed between and during trips, often dispersive, fragmentary, inconstant, other times telegraphic and abbreviated, as in the correspondences sent to friends. In the literary texts, something erratic can be observed, with its retakes and repetitions, also not abdicating the obsessive search for perfection, as in *Cobra Norato*. It also emphasizes the use of diminutives as a mark of his formation and the marked propensity of Modernism for the transformation of normative language (with its classicizing rhetorical tendencies) into a more relaxed, ironic and playful language. And He also evidences the creation process, the thematic diversity, the preparations for writing and the outline of the plot of his *Cobra Norato*, a core poem of Brazilian Modernism. Finally, writing on a trip and about trips, fragmentarily, renews the anthropophagic process of devouring everything around him, when he moves.

Keywords: Raul Bopp; writing; trip.

¹ Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, doutorado sanduíche na Universidade de Coimbra (2018), possui Mestrado em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (2012). Professora do Departamento de Linguagens e Tecnologias do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Pesquisadora do Núcleo de Estudos ATLAS (Análises Transdisciplinares em Literatura, Arte e Sociedade) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e do Grupo de Pesquisa: Da Rua: sujeitos e objetos, da Pontifícia Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, Raul Bopp, crítica literária contemporânea. Em 2020, publicou o livro O percurso intelectual de Raul Bopp: viagem, escrita e intervenção social, pela Ed. Crescente Branco, em Portugal. E-mail: fa29guimaraes@yahoo.com.br

Recebido em 05 de maio de 2023.

Aprovado em 15 de novembro de 2023.

Introdução

Esse artigo, assim como Bopp, deu muitas voltas. Há mais de uma década me dedico a pesquisas relacionadas ao viajante, poeta e diplomata Raul Bopp, especialmente aos documentos de arquivos, em diversas instituições (federais, estatais e particulares) que me permitiram chegar a papéis inéditos, completamente desconhecidos, ignorados ou, então, pouco escrutinados (correspondência, artigos de jornal esquecidos, ações desenvolvidas no modernismo, notas diplomáticas, etc.), o que contribuiu para conseguir refazer ou retocar, de algum modo, o perfil literário, biográfico e ideológico desse autor do modernismo que se tornou respeitado pelo livro *Cobra Norato*.

O presente texto tem como finalidade esboçar sucintamente um roteiro das viagens de Raul Bopp, por esse Brasil adentro, desde a primeira viagem, aos 16 anos, quando saiu de Tupanciretã a cavalo, rumo à fronteira do Brasil com a Argentina, até as suas viagens diplomáticas, mundo afora, ligando-o indissociavelmente ao universo da escrita. Ressalta-se a sua participação no Movimento Antropofágico e o seu papel de divulgador e editor da *Revista de Antropofagia*.

Aborda-se ainda o processo de escrita do poeta, desenvolvido entre viagens. Por isso, procura-se detectar a fragmentação e a montagem na obra boppiana, na construção de seus livros, enquanto contribuição para compreender o referido processo, submetido às constantes mudanças que uma vida de viagens implica. E ainda o cruzamento da noção do fragmento benjaminiano com os princípios de expansão radicular de Deleuze e Guattari ajudam a compreender o percurso de (re)composição da escrita boppiana, destacando, além disso, o uso de palavras no diminutivo, frequente recurso usado por Bopp, às vezes com significação afetiva e outras resultando em ironia. Trata-se, portanto, de sublinhar reconhecidamente o que se pode apelidar de trabalho antropofágico de recriação textual de *Cobra Norato*, além da diversidade temática, os preparativos para a escrita e o esboçar da trama do poema fulcral do Modernismo brasileiro.

1. Apresentação de Raul Bopp: viajante, escritor, diplomata

Raul Bopp foi poeta, advogado, jornalista, diplomata, mas, acima de tudo, um viajante apaixonado. Desde bem cedo, se pôs a correr o mundo; era-lhe intrínseco o desejo de realizar sucessivos deslocamentos geográficos e culturais. Viandante destemido, de apurada sensibilidade, sempre aberto às diferenças, rompeu fronteiras para conhecer o mundo nas suas mais diversas e vivas manifestações.

Viajante infatigável, Brasil adentro e mundo afora. Descendente de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil nas décadas de 1820 e 1840, nasceu em Pinhal, município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 04 de agosto de 1898. A paixão pelas viagens vem da infância, passada em Tupanciretã, um lugarejo tranquilo, onde um trem lhe passava junto à porta.

Com apenas 16 anos, Bopp, fascinado pelas histórias ouvidas e movido pelo desejo de conhecer lugares distantes, realiza sua primeira viagem, que, durando aproximadamente oito meses, representou um verdadeiro rito de passagem. Sozinho, a cavalo, ele atravessa a fronteira da Argentina, chega ao Paraguai e volta para o Brasil, passando pelo Mato Grosso. Para prosseguir em suas explorações, desdobrou-se em rudes experiências, trabalhando, inclusive, em uma serraria e como pintor de paredes.

Com essa viagem, institui-se, para o rapaz gaúcho, uma comunhão entre viajar e escrever, entre tradição oral e registro poético, entre paisagem e mito. A importância dessa jornada no trabalho de Bopp pode ser observada em poemas que pertencem à primeira etapa da sua produção, em que faz uso de lendas folclóricas de forma inovadora.

Bopp viaja pelo Brasil também no tempo de sua formação universitária. O poeta fez o curso de Direito em quatro universidades: os dois primeiros anos em Porto Alegre; o terceiro ano, em Recife; o quarto, em Belém do Pará, e o quinto, no Rio de Janeiro. Fazia exames na segunda época, pois, sempre que podia, viajava para assistir às festas folclóricas: “Desse jeito, eu criava uma oportunidade de conhecer melhor o Brasil, nos seus aspectos rurais e sua riqueza folclórica” (BOPP, 1980, p. 12). Após concluir o curso de Direito, regressa a São Paulo com uma interessante bagagem de experiências adquiridas em suas viagens pelo país e pelos núcleos pré-modernistas e modernistas de Belém, Rio de Janeiro e São Paulo.

No período entre 1927 e 1928, Bopp aproxima-se do romancista Oswald de Andrade e da artista plástica Tarsila do Amaral. Ao lado deles, foi um dos personagens principais do Movimento Antropofágico de 1928. Oswald, Tarsila e Bopp lançam o mais radical de todos os movimentos do período: a Antropofagia.

As ideias do grupo são publicadas na *Revista de Antropofagia*. Em 1928, Bopp passa a ser um dos editores da revista e mantém uma página no jornal *Diário de São Paulo* sobre assuntos relacionados ao Movimento. A participação de Bopp foi fundamental para a divulgação do Movimento, pois usufruía do envio postal para aproximadamente sete mil sócios da Associação Paulista de Boas Estradas. Ao lado disso, a Agência Brasileira de Notícias exerceu um papel importante, colaborando com a divulgação do movimento no interior do país, ao fornecer textos de autores modernistas e matérias para jornais de menor tiragem. Bopp comenta a maneira como toda essa infraestrutura era usada a favor do Movimento:

Junto aos condensados de interesse jornalístico, em geral, de “uma atualidade” mais duradoura, eram também distribuídas súmulas, excertos, citações de autores de vanguarda. Desse modo, na conquista da expressão própria, libertada de gramaticalismos inúteis, iam se desenvolvendo, pelos estados, formas embrionárias de renovação (BOPP, 2008, p.124-125).

É importante ressaltar que, em 1926, Bopp assume o cargo de diretor de informações, na Associação Paulista de Boas Estradas, ocupando depois o de diretor de secretaria e, por fim, o cargo de superintendente, até 1929. Dentre as suas realizações na Associação, no período de 1926 a 1929, destaca-se a elaboração de mapa das estradas atuais do Brasil, publicado em 05 de outubro de 1929; carta rodoviária de São Paulo e o início do censo automobilístico brasileiro.

Nesse período, Bopp participa da caravana do Automóvel Clube, composta por 20 carros, de São Paulo a Curitiba. Desse percurso, apenas 100 Km eram asfaltados e o restante, constituído por caminhos quase inexistentes. Ele faz a cobertura jornalística do evento, conciliando, assim, seu gosto pelas viagens e aventuras à sua necessidade de escrever. O relato da expedição de São Paulo a Curitiba foi transformado no texto “Como se vai de São Paulo a Curitiba: impressões de viagem”, publicado pela primeira vez no

jornal da Associação de Estradas de Rodagem, o *Boas Estradas*, em Abril de 1927, e posteriormente na revista *Feira Literária*, em 1928².

Encontramos no acervo do escritor um exemplar do *Boas Estradas*, de abril de 1927, que traz, além de trechos do já mencionado “Como se vai de São Paulo a Curitiba: impressões de viagem”, o relato da viagem que Bopp realizou de Curitiba para Antonina pela estrada da Graciosa, com 83 km de percurso, a convite do Senhor Moreira Garcez, prefeito de Curitiba à época. Ilustrados por belas fotografias das referidas estradas, os dois textos apresentam várias modificações manuscritas realizadas pelo autor tanto nas folhas do jornal como nos originais datilografados, que estão juntos e grampeados a um pedaço de papel com o título “São Paulo-Curitiba/Graciosa”. Consideramos, por meio desse indício, que o autor, assim como fez com seu *Cobra Norato*, buscava lapidar também os seus relatos de viagens, ainda que possa passar com eles a imagem de descuidado.

A nossa hipótese é corroborada pela existência de outro recorte de jornal, dessa vez sem data e sem referência à fonte, onde foi publicado o mesmo texto. Acreditamos, no entanto, que se trata de um número do *Diário de Curitiba*, pois a reportagem do *Boas Estradas* apresenta tal informação. O texto original, datiloscrito, traz o título de “Estrada da Graciosa”; já na reportagem do *Boas Estradas*, o mesmo texto é chamado de “Descendo a Estrada do Mar pela Estrada da Graciosa” e no recorte de jornal aparece com a manchete “Procurando o mar pela Graciosa”.

Acreditamos se tratar de um texto que ainda não foi publicado em livro, uma vez que não aparece em nenhuma obra do autor e nem nas duas edições da *Poesia Completa de Raul Bopp*, organizada por Augusto Massi, mesmo que este se refira às reportagens e as inclua nesse livro de poesia.

Certamente, em virtude do reconhecimento crítico alcançado por *Cobra Norato*, um texto icônico, Bopp é conhecido como autor de um único livro. Segundo Massi: “Um balanço da fortuna crítica revela como o restante de sua produção tem sido sistematicamente ignorado” (MASSI, 1998, p. 11). É importante ressaltar que a produção literária do escritor é constituída por: *Cobra Norato* (1931); *Urucungo* (1932); *Notas de um caderno sobre o Itamarati* (1960); *Movimentos Modernistas do Brasil: 1922-1928*

² Augusto Massi, certamente desconhecendo que a reportagem tinha sido publicada em 1927, referiu-se à republicação de 1928 como sendo a primeira publicação, conforme consta em *Poesia Completa de Raul Bopp* (organizada por Massi).

(1966); *Memórias de um embaixador* (1968); *Putirum* (1969); *Coisas do Oriente – viagens* (1971); “*Bopp passado a limpo*” por ele mesmo (1972); *Samburá – notas de viagens e saldos literários* (1973); *Vida e morte da antropofagia* (1977); *Mironga e outros poemas* (1978); *Longitudes: crônicas de viagens* (1980).

Provavelmente para distanciar-se de um amor perdido³ e da desilusão com o fim do Movimento Modernista, Bopp deixa a cidade de São Paulo, embarca em um cargueiro japonês e viaja dois anos sem parar, entre 1929 e 1931.

Inicia-se, em 1929, o que Bopp denomina como sendo o seu “desquite amigável” com a literatura, que dura quase 30 anos, mas isso não significou que deixou de escrever durante esse longo período. Começa com a dispersão do grupo antropofágico e, em 1932, com o ingresso do autor na carreira diplomática. Bopp foi nomeado auxiliar contratado, no Consulado do Brasil, em Kobe, no Japão, em 25 de maio de 1932. Ele aposentou-se em 1963, na condição de embaixador e voltou a residir no Brasil, radicando-se no Rio de Janeiro, após viver quase 30 anos em diversos países, em função da sua carreira.

É inegável que toda vivência, troca de experiências, conhecimento de culturas, artes, literaturas diversas, adversidades ocorridas durante as inúmeras viagens tenham influenciado o viajante Bopp. Observamos que, para Bopp, a viagem determina a escrita. Ela está aberta para o mundo visto, imaginado, visitado. Podemos constatar que a bagagem sociocultural, as adversidades do percurso, a distância entre os objetivos prévios, o espaço entre o visto e o imaginado que o viajante traz consigo são fatores que interferem na escrita de viagem.

Provavelmente, para o poeta, os mapas para estudar os percursos das viagens precedem a escrita, ou seja, é como se as suas viagens se inscrevessem, de certo modo, em sua produção literária. Essa, pode ser associada a movimentos, deslocamentos. Assim como para Certeau (1998, p. 204), percurso está relacionado com mobilidade, com ações espacializantes, com organização de movimentos, podemos falar da escrita boppiana como um percurso intrínseco às suas viagens: “Somente a experiência escrita permite dar conta da totalidade dos sentidos [...] Somente o verbo circunscreve os cinco sentidos, e

³ Patrícia Galvão, a Pagu, muito jovem, bonita, inteligente, recém-saída da Escola Normal; com seus desenhos e poemas inquietantes, tornou-se a musa antropofágica. Raul Bopp apaixonou-se por Pagu, sua musa inspiradora, para quem compõe o poema “Coco de Pagu”. Ela, no entanto, prefere Oswald de Andrade, que na época era casado com Tarsila do Amaral. Pagu engravida de Oswald, que rompe com Tarsila e se casa com a jovem normalista.

mais. O trajeto conduz das coisas às palavras, da vida ao texto, da viagem ao verbo, de si a si” (ONFRAY, 2009, p. 100).

Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, em 25 de maio de 1978, às vésperas de seus 80 anos, Bopp queixa-se do corre-corre da vida daquela época: “Acabou-se o tempo dos cafezinhos e dos pontos de encontro”. O autor prefere ficar em casa, “vendo uma coisinha ou outra”. Ele afirma que, de vez em quando, vai ao Sadoy, reunião habitual de amigos e escritores, realizada todos os sábados na biblioteca de Plínio Doyle, no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro. Comentou gracejando: “Lá fala-se de tudo, até de poesia”.

2. Uma escrita desenvolvida entre e durante viagens: “A disposição de captar as suas essencialidades⁴”

Em suas narrativas de viagem, o poeta-viajante apresenta informações dos costumes e culturas dos povos, detalhes geográficos e históricos dos lugares por onde passou, numa narrativa intermitente, fragmentária e sem datação. A esse respeito, assevera a pesquisadora Viviane Cristina Oliveira:

Ao ler as memórias boppianas, temos a impressão de que não é no curso de uma biografia que emergem as descrições e as narrações sobre os lugares, mas, pelo contrário, é no decorrer das notas e impressões sobre os mais diversos países e cidades que flagramos num momento ou outros flashes de uma vida que se entrega esparsamente e em estilhaços, cabendo ao leitor tentar unir os fios para vislumbrar uma cronologia (OLIVEIRA, 2010, p. 26).

Para isso, talvez tenhamos que rearmonizar sua confusa ordem discursiva, conectando seus textos dispersos e fragmentários, como sugere Polar a respeito do migrante em geral:

⁴ O título desta parte foi inspirado na seguinte citação, publicada por Raul Bopp em *Notas de viagem – Uma volta pelo mundo em 30 dias*: “Numa estada rápida, dois ou três dias em cada país, com uma disposição de captar as suas essencialidades, as impressões vão se somando e acumulando na memória” (BOPP, 1956, p. 06).

a dinâmica centrífuga do discurso migrante e sua reivindicação da múltipla vigência do aqui e do lá, do agora e do ontem, quase como um ato simbólico que, no próprio instante em que afirma a rotundidade de uma fronteira, está burlando-a e mesmo escarnecendo-a, mediante a fluidez de uma fala que se emite de qualquer dos seus lados e sempre de maneira eventual, transitória, repetindo a condição viajeira do sujeito que a diz (POLAR, 2000, p. 133).

No que tange à escrita telegráfica e abreviada, Sérgio Buarque de Holanda revela a forma como o amigo viajante informava-lhe o seu paradeiro:

As notícias que passaram a chegar até nós vinham das paragens mais inesperadas, e sempre naquele idioma telegráfico especial que inventou e que não se sujeita a tradução sem tirocínio. Um cable de Salónica “Istambulíssimo inegiptível atenizarei”. Evidentemente, queria dizer, mais ou menos: “Istambul é uma delícia. Desgraçadamente não me será possível ir até ao Egito, conforme era o meu propósito. Sigo entrementes para Atenas”. Um postal da Itália trazia simplesmente um risco a tinta e, mal desenhados, a uma das pontas, o campanile de São Marcos, à outra, a torre Eiffel. Queria dizer que embarcaria em Veneza com destino a Paris. E se estou bem lembrado, ainda tinha um croquis da Porta de Brandenburg. Tradução: “Já volto (a Berlim)” (HOLANDA, 1978, p. 120).

Guilhermino César, entrevistado por Zé Lima, também revela particularidades da escrita de Raul Bopp, no período em que ele estava no Japão:

Quando estava no Japão, por exemplo, escrevia muito. Ele era engraçadíssimo: pegava uma folha de papel, botava na máquina e escrevia bilhetinhos para várias pessoas. Numa folha de papel, escrevia para dez pessoas. Depois, cortava os bilhetes e botava aquelas tiras de papel no envelope. Cartas interessantes, divertidas: “Eu tenho comigo parte da correspondência dele com o Athos Damasceno. Ele mandava desenhos pornográficos, cartões bem candangas, porque sabia que o Athos gostava dessas coisas caricatas” (LIMA, 1985, p. 93).

José Lins do Rêgo, ao falar da escrita de Bopp, alude também ao modo de ser dispersivo, fragmentário e inconstante do poeta:

Raul Bopp, às vezes, me escreve a lápis de côr, à máquina e em tinta preta. Tudo isso numa mesma carta e, quase sempre, sem assinatura. O poeta não faz isso para compor uma atitude. Faz assim porque, pelo seu feitio, não realizou ainda nada que tivesse, ao mesmo tempo, comêço e fim. É um homem aos pedaços (RÊGO, 1969, p. 159).

O próprio Bopp tinha consciência plena do seu processo de escrita. Há, em seu acervo, poemas datilografados, que acreditamos serem inéditos, datados de novembro e dezembro de 1974. São metapoemas, nos quais o eu lírico expressa precisamente o seu fazer poético, como revela em “Poema”: “Quero me alimentar com palavras”, e também suas angústias para escrever, chegando até mesmo à porta da *loucura*, como se observa em “Reflexos!”:

[...] Tem horas que preciso escrever toda essa loucura, que me droga de tal forma que me dá vontade de querer sentir-me/ mais louco ainda para não escrever, não pensar no que escrevo. Louco sou de satisfazer essa vontade que me faz mal. Quando não consigo começar mais nada; pior quando nem sei acabar o que é preciso.
(BOPP, 1974, p. 1).

Em carta não oficial, enviada ao amigo Luís Vergara, Bopp dá dicas de como otimizar a mensagem telegráfica, como se estivesse enviando cartas a um jovem pretendente a escritor, para que enviasse notícias com mais frequência para Yokohama, poupando nas palavras e no custo:

Emende com jeito uma palavra na outra, pronomes, preposições, etc. que o telegrafista aceita tudo como idioma português. Endereço já sabe: Consbras Yokohama. E com umas 20 palavras bem redijidas vem notícia pra burro, e custará uns 3 yen apenas [...] alguma notícia sobre os nossos amigos promovido, removido, etc. Desse jeito a gente fica mais próximo, que com telegrama a 3 yen e 42 por palavra taxa ordinaria ninguem aguenta (BOPP, 1935, p. 10-11,).

Um outro traço recorrente é o uso do diminutivo nas cartas para os amigos, como nesses trechos de carta a Alencastro Guimarães:

Tenho uma casinha que é um refúgio, numa montanha de 100 metros, arvoredinho em redor uma porção de gaiolinhas. [...] O Camara quando esteve aqui em casa quis morder a orelhinha dela [...] O que vale no Japão são esses bichinhos [...] que Deus de vez em quando dá o seu passeiosinho a cavalo [...] As prostitutinhas menores (BOPP, 1935, p. 01-02, destaque nosso).

Num telegrama⁵, comunicando a Ribeiro Couto a data do seu embarque para Lisboa, além do diminutivo, percebemos a criatividade que é peculiar a Bopp:

OBRIGADISSIMO AMABILIDADE TELEGRAMA VAPORZINHO
ZARPARAH HOJE LISBOAREMOS 24 CONTENTE BREVE PODER
ABRACAR VELHOS AMIGOS EMBAIXADA CONSULADO GRANDE
ABRACO ORTOGRAFICO RAUL BOPP [sic] (BOPP, 1945. s/p, destaque
nosso).

Até mesmo em documentos oficiais⁶, pedindo revisão dos vencimentos da sua aposentadoria, ele utiliza diminutivo: “Apenas uma palavrinha de felicitação”. Também em seus textos em prosa, o autor faz uso com frequência do diminutivo das palavras, como em *Memórias de um Embaixador*: “com baldeação num trenzinho de montanha [...] aproveitando as horinhas escassas de sol [...] à beira de um riozinho [...] uma longa ladeirinha ajardinada” (BOPP, 1968, p. 139, destaque nosso). A significação construída com as palavras no diminutivo é continuamente afetiva, carinhosa e delicada, mas, às vezes, resulta em ironia e crítica. Essa descontração, não só verbal, no começo da sua atividade na diplomacia, chegou a causar-lhe algum incômodo, quando foi advertido por reclamar para lá do aceitável, em termos e num estilo considerados inapropriados (cf. ofício nº 305,14 de 27-11-1933, do Ministério das Relações Exteriores, assinado por Cavalcanti de Lacerda)⁷.

⁵ Fonte: Arquivo Literário, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Agradecemos ao Senhor Sérgio Bopp, filho de Raul Bopp, a permissão para acessar à documentação do Maço Pessoal do diplomata Raul Bopp, no Arquivo Histórico do Itamaraty, em Brasília.

⁶ Conforme documento datado de 12 de outubro de 1973, pertencente ao Maço Pessoal do diplomata, que se encontra no Arquivo Histórico do Itamaraty, em Brasília.

⁷ Fonte: Maço Pessoal do diplomata, Arquivo Histórico do Itamaraty, Brasília.

No discurso proferido na ABL, por ocasião da outorga do prêmio Machado de Assis, em 20 de julho de 1977, há também palavras no diminutivo: “Passamos estaçõeszinhas humildes” (BOPP, 1977, p. 1), “[...] estendem-se grupos de arvorezinhas jovens” (BOOP, 1977, p. 2), “Era difícil conciliar interesses pessoais naquela engrenagenzinha cotidiana” (BOOP, 1977, p. 06, destaque nosso). Aqui, a palavra “engrenagenzinha” é a exceção, pois não tem nada de afetivo; significa ramerrão, tudo igual todo dia, rotineiro.

Da sua viagem a bordo do cargueiro japonês, de 1929 a 1931, em uma das cartas⁸ que escreve a Augusto Meyer, Bopp menciona o processo de escrita do seu *Cobra Norato*. Pode-se realçar, além de palavras no diminutivo, que a sua linguagem é descontraída, brincalhona e irônica:

Norato é um livro de efêmero. Vale por umas audácias extragramaticas e uma movimentação de material de camada popular. Só. Muito exposto, embolóra logo. Recomendei pra lá que não mettessem muita vírgula. Só o necessário pra eviatar ambiguidades. faço questão é dos intervalos entre cada grupo de verso. Isso sim É uma espécie de educação do verso. Linha. Também dos acentos. Norato é um livro pra crianças. As vogais precisam estalar bem. Acento circunflexo é uma espécie de gravata da palavra. Lagoa sem acento perde a graça. Eu gosto é de abundância. Página grande letra grande acabar com as vinhetinhas de merda cagadinhas de mosca, simples, dedicado a dona tarsila, por uma dívida de cortezia antropofágica.

Preciso escrever bandalheira (contra os meus hábitos!) falar em culhões, enrabação etc. [sic] (BOPP, s/d, s/p, destaque nosso).

É interessante ressaltar que o diminutivo, especialmente dos verbos, seria tema da subgramática do Movimento Antropofágico: é o que afirma Bopp, em *Movimentos Modernistas no Brasil*, ao mencionar algumas teses da referida subgramática:

Uma das singularidades dos falares rurais, especialmente na Amazônia, é o uso dos verbos no diminutivo, com uma maneira de dizer afetiva, que ainda não teve registro nos compêndios: Estarzinho; Dormezinho; Fazer doizinho; Querzinho de experimentar corpo e outras expressões de forte acento elegiaco (BOPP, 2012, p. 106, sublinhado nosso).

⁸ Idem.

Nos versos de *Cobra Norato*, o autor emprega verbos no diminutivo, comprovando o uso da subgramática do Movimento Antropofágico e a influência de Antônio Brandão do Amorim, que usava verbos no diminutivo, como, por exemplo, “estorzinho”, “dormezinho”, “esperazinho” (recolheu os falares regionais chamados *nheengatus*, nas malocas do alto Urariquera), assim como é utilizado por Bopp:

Ando com uma jurumenha
 que faz um doizinho na gente
 e mexe com o sangue devagarinho
 [...]
 para ter um querzinho
 da filha da
 rainha Luzia
 (BOPP, 2009, p. 18, destaque nosso).

Assim, podemos concluir que Bopp, durante toda a vida e toda a sua escrita, usou os diminutivos como marca de sua formação e marcante propensão do Modernismo para a transformação da linguagem normativa, com suas tendências retóricas classicizantes, em uma linguagem mais arejada, lúdica e gostosa, ao modo brasileiro mais íntimo e afetivo. Entretanto, em certas ocasiões, o diminutivo resulta pejorativo.

Em *Vida e morte da Antropofagia*, Bopp revela que a sua motivação para escrever *Cobra Norato* surgiu em suas andanças pelo Baixo Amazonas, quando escutou causos da Cobra Grande, que na lua cheia ia cobrar o resgate de uma moça. E, impactado com a influência dos *nheengatus*, colhidos por Antônio Brandão Amorim, pensou “em fixar esse mito num episódio poemático, tendo como pano de fundo, a grande caudal de água doce e a floresta”. E, para compor a personagem feminina, lembrou-se da “velhinha de Valhame-Deus (ilha de Tucum, no litoral maranhense)”, que lhe contou “uma história obscura da filha da rainha Luzia” (BOPP, 2008, p. 85). Além de ressaltar a inspiração temática, ele relata os preparativos para iniciar a escrita e esboçar a trama do poema:

Alinhavei uma série de notas, com alguns ingredientes poéticos, na preparação de cenários, que também tomavam parte nos episódios do poema. Mas um poema em geral, não começa a ser escrito com o verso da primeira linha. Nasce, quase sempre, de uma ideiazinha central como de um núcleo magnético. [...] Numa desordem de idéias fui dando forma às impressões

colhidas em frequentes viagens de canoa, rio-abaixo, rio-acima, procurando representar a floresta no seu sentido telúrico. [...] Alinhavei desordenadamente alguns versos, na tentativa de apresentar aspectos do universo amazônico, na profundidade (BOPP, 2008, p. 86-88).

Em *Movimentos modernistas no Brasil*, a seção intitulada “Diálogos” é estruturada com questionamentos e respostas, sugerindo uma entrevista. No prefácio do livro, Bopp esclarece que essas perguntas foram elaboradas por José Condé, para o *Correio da Manhã*. A respeito do poema amazônico, questiona e esclarece:

Escreveu a Cobra Norato em Belém do Pará? De Belém, eu trouxe apenas um farto material de anotações, poemas semicompostos, como os da Farinhada, Pajelança, canto do Tajá-que-pia, do Taruman, que depois incrustei nas sequências da Norato. A ideia inicial era de aproveitar, oportunamente, esse material de paisagens amazônicas, num livro de crianças (BOPP, 2012, p. 135-136).

O poema foi construído *devagarzinho* (usando o diminutivo, tão caro a Bopp), paulatinamente. De Belém, as anotações, coletadas de sua experiência amazônica e as primeiras estruturações do poema. Em 1927, em São Paulo, retoma a escrita, motivado pelo clima Antropofágico/Modernista, conforme depoimento do próprio:

Em fins de 1921, com a minha transferência para o Rio no plano de terminar o ciclo acadêmico, meti na mala o poema, do jeito que estava, e por muito tempo não mexi mais nele. Somente anos mais tarde (1927), em São Paulo, com o acolhimento carinhoso de Tarsila e Oswald de Andrade, recopiei-o. Fiz alguns retoques. Adicionei imagens novas. Suprimi versos que já não me agradavam mais (BOPP, 2008, p. 96).

Em *Vida e morte da Antropofagia*, Bopp relata novamente que foi sob a influência dos amigos do Movimento Antropofágico, na capital paulista, que retomou a escrita do poema: “Mas em São Paulo, com o ambiente de animação que havia (grupo Tarsila & Oswald de Andrade), decidi ordenar esses elementos em torno de uma lenda, trazendo também, nas suas incidências, a presença de alguns personagens de folclore” (BOPP, 2012, p. 136).

Observamos que o escritor vai aperfeiçoando, lapidando o seu texto, como um artesão talhando a madeira da linguagem. O poema é finalizado a bordo do cargueiro japonês, na viagem que realiza entre 1929 a 1931, conforme cartas enviadas a Augusto Meyer e a Peregrino Júnior, localizadas na Fundação Casa de Rui Barbosa, de que, a seguir, se fornece um excerto da que enviou ao primeiro:

Metime na cabina remexi papelama e me deu na telha continuar a cobra norato sahiu comprida. Cortei uns trócos sobre a serra do lobishome vira-sebo e uma cantiguinhas de putirum com um saborsinho de bandalheira [sic] (BOPP, s/d, s/p).

É importante ressaltar que *Cobra Norato* foi idealizado em 1921, escrito paulatinamente até ser publicado em 1931, e que até à 9ª edição do livro, em 1969, o texto sofreu alterações significativas. A cada edição o poema era reescrito, com modificações, supressões e acréscimos e somente a partir da 9ª edição permaneceu sem alterações. Desse modo, podemos dizer que o poeta foi “antropófago” de seu próprio texto, pois o reescreveu exaustivamente em busca de algo melhor, como que deglutindo progressivamente o discurso para a recomposição (ou regurgitação), usando o método modernista de absorção/devoração do que é estranho e novo para incorporação na trama da modernidade brasílica. Abandona, sem contemplações, os modos discursivos próprios do século XIX, que Manuel Bandeira, nos seus primeiros tempos de escritor ainda experienciou. Sua dedicação e trabalho em lapidar a escrita, em busca de uma excelência, ressaltam assim a sua pertinácia em não abandonar os textos, em não descurar a sua publicação, em não baixar a guarda quanto à proteção do funcionamento da obra, o desejo de divulgação e recepção crítica, mesmo que algumas vezes afirme o contrário.

Carlos Drummond de Andrade dá conta disso no artigo “Volta de Bopp”, publicado no *Correio da Manhã*, em 17 de agosto de 1947, e também no jornal *Folha de Minas*, de 28 de setembro de 1947, ambos localizados na Fundação Casa de Rui Barbosa. O poeta mineiro aborda, então, a questão da “remanipulação artística do texto”, realizada por Bopp ao longo das várias reedições de *Cobra Norato*, revelando o amadurecimento do poeta e seu desejo de perfeição:

A uma perspectiva de vinte anos os poemas de Bopp nos apresentam sua face duradoura que o autor quis tornar ainda mais nítida pela remanipulação

artística do texto. Abra-se uma edição anterior de “Cobra Norato” e confronte-se com a edição primorosa de Zurich, agora aparecida. É o mesmo poema e é outro. Numa pesagem de miligramas, atento ao ritmo, ávido de precisão vocabular, cioso de composição, consciente enfim das obrigações literárias que o modernismo aparentemente desprezava mas que, na realidade, não podia esquivar-se. Bopp substituiu, deslocou, suprimiu palavras, expressões, frases, versos. O leitor superficial dará menor apreço a estas alterações de forma, que seduzirão, contudo, os amantes da expressão poética (sic) (DRUMMOND, 1947, s/p).

No artigo, o mineiro sugere ao leitor um estudo da evolução poética de *Cobra Norato*, além de apresentar vários exemplos das alterações realizadas por Bopp, e aconselha: “cada um, porém, que vá descobrindo essas riquezas”. Apresentamos aqui um excerto da análise drummondiana:

As arvorezinhas que **sonham viagens** eram antigamente **árvores de galhos idiotas, arvorezinhas sujas que levantam vestidos, quando muito arvorezinhas impacientes que mamam luz com leite, árvores encalhadas, árvores esmagadas, árvores estudando geometria**. Nenhuma delas tinha a doçura das **arvorezinhas que sonham viagens**, nem da **arvorezinha emplumada que fez um esforço para ser música**, nascidas da ternura post-antropofágica de Raul Bopp. Essa ternura desabrocha ainda num verso que é pura delícia:

o ruído manso dos rios carregando queixas do caminho

(DRUMMOND, 1947, s/p).

Drummond ressalta a consciência oficial da escrita que levou Bopp a lapidar sua obra-prima, atingindo seu apogeu. Com a partida para longe do Brasil, Bopp mudou o tipo de vida, as suas funções profissionais, sociais e intelectuais, mas não o vício da escrita e o desejo de escrever e deixar testemunho. No seu caso, deixar testemunho explicando algo do próprio movimento modernista ou reportando aquilo que foi vendo e vivendo em algumas andanças passou a ser tão importante como produzir um novo *Cobra Norato*. É por isso que a sua obra, a partir de *Cobra Norato*, merece mais atenção, pois o modo de produção e de escrita, de composição de texto, podemos dizer que deu continuidade aos princípios do modernismo de reinvenção e cruzamento de gêneros, de uma linguagem mais solta e indomesticada, adequando-se a um projeto de trotamundos e improvisação.

Ainda a respeito da escrita do poeta, na apresentação da segunda edição de *Movimentos Modernistas no Brasil*, Gilberto Mendonça Teles (2012) chama a atenção para o fato de que “sua linguagem tem o encantamento da simplicidade: é como se conversasse com o leitor, deixando-lhe a tarefa de completar ou emendar o que ficou nas entrelinhas. Uma conversa de diplomata” (TELES, 2012, p. 10). Certamente, Sérgio Buarque de Holanda teve essa tarefa, completar as entrelinhas da mensagem telegráfica, que recebeu do amigo, para ter notícias do seu paradeiro.

A esse respeito, vale lembrar, mais uma vez, o que arrazoam Deleuze e Guattari: “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 13). Escrever, para Bopp, parece ter sido uma atividade similar ao comportamento vital: cirandar, conviver, observar, comparar, na busca de um devir moderno, onde quer que estivesse. Devir de novas “regiões”, como o modernismo requeria, porém com identidade brasileira. Esse trabalho, algo errático, com suas retomadas e repetições, também não abdicava da busca de perfeição, como verificamos com *Cobra Norato*.

Esse tipo de trabalho antropofágico deve ser entendido como recriação textual através do aproveitamento de novas leituras e vivências que o levavam a renovar a criação original, aproveitando para incorporar ao longo do poema de inspiração amazônica substâncias diversas, que assim se assimilavam ao desejo de identidade brasílica que foi típica do modernismo insaciável de novas fontes. Como se o texto, se pensarmos por exagero, nunca estivesse pronto, acabado, mas, pelo contrário, pronto para antropofagicamente renascer, assimilando uma nova palavra, uma mudança sintática, criando um novo dinamismo e acabando por propiciar novas significações.

O espírito de antropofagia estendeu-se às viagens, pois o movimento de viajar é, em si próprio, a imagem da deglutição, rápida ou demorada, de um local, uma cultura, uma convivência. Escrever sobre essas viagens, por impulso ou por encomenda (quando a isso obriga a função diplomática), é prolongar o desejo antropofágico de variedade que se assimila para refazer a própria ideia que se tem da cultura brasileira. Escrever em viagem e sobre viagens, fragmentariamente, renova o processo antropofágico de tudo devorar à sua volta, quando se desloca.

Notas de viagem – Uma volta pelo mundo em 30 dias,⁹ é o primeiro livro de relatos de viagens do autor, editado em Berna, em 1959. Bopp narra a viagem que realiza em companhia da esposa Lupe e de seus dois filhos, Sérgio e Jorge, aos quais dedica a obra. Uma bela fotografia da família com um chofer hindu, em frente ao Taj Mahal, em Agra, na Índia, abre o livro de viagem. Na apresentação, o autor explica:

Numa estada rápida, dois ou três dias em cada país, com uma disposição de captar as suas essencialidades, as impressões vão se somando e acumulando na memória. Achei por isso, como um passa-tempo de viagem, registrá-las num caderno de notas, vazando depois, assim como estão, misturadas e desordenadas, em um folheto de tiragem reduzida (BOPP, 1956, p. 6).

Ressaltamos aqui esse propósito de Bopp de publicar seus escritos “assim como estão, misturados e desordenados” (BOPP, 1956, p. 6), como um ato consciente e não como descuido com as suas publicações. Por outro lado, como já mencionamos, dedica-se exaustivamente à lapidação de *Cobra Norato*.

Encontramos na própria apresentação do livro o motivo pelo qual é difícil ter acesso a essa obra, pois o próprio autor justifica a tiragem exígua, afirmando que “era para ser distribuído entre amigos, acompanhando votos de boas festas, por ocasião de fim de ano” (BOPP, 1956, p. 06). Entretanto, não foi possível cumprir a última etapa, pois “os retardamentos na tipografia alteraram naturalmente esses propósitos” (BOPP, 1956, p. 06).

No referido livro, o autor revela que na viagem ele faz anotações em um caderno, como, por exemplo, das informações relativas à economia do Irã: “Na viagem de avião a Bagdad procurei, no bagaço das horas inúteis, recompor algumas de minhas notas sobre o petróleo iraniano” (BOPP, 1956, p. 23). Em Bagdá, Bopp revela perder o interesse pela cidade; em Tóquio, após um temporal, com dificuldades para encontrar um táxi, um “homenzinho” levou-os ao hotel e não aceitou nenhum pagamento. Bopp encanta-se com essa gentileza e revela: “uma das coisas que mais me impressionaram foi a amabilidade anônima das ruas, sem se saber de quem e nem para quem” (BOPP, 1956, p. 8). O autor fica sensibilizado diante da miséria nas aldeias na Índia e, à frente da

⁹ Agradecemos ao Senhor Flávio Bopp, sobrinho de Raul Bopp, que nos possibilitou o acesso ao livro *Notas de viagem – Uma volta pelo mundo em 30 dias*, o qual contém uma carinhosa dedicatória do seu tio, e também a *Registro de recordações da Família Bopp*, de autoria de Itamar Bopp.

suntuosa construção do Taj Mahal, constata: “conjunto admirável, de uma beleza harmônica, mas estéril. Não comove. O que comove realmente, é esse *bas-fond* da população, que fervilha nos subúrbios pobres ou ao longo das estradas tristes, dessa Índia vasta, incrível, dramática” (BOPP, 1956, p. 18).

Viajando tanto no Médio Oriente quanto na Itália, por exemplo, ele não deixa de revelar o seu jeito de compor textos, formulando observações relativas à necessidade de parar e descansar a mente, para poder retomar, mais tarde, suas viagens e escritas ou escritas de viagens. Sobre o seu último dia de férias, em Roma, anota:

Depois de um giro geográfico exaustivo, colhendo imagens fragmentárias numa antologia de países exóticos, quero ver um mundo descansado, de caras anônimas, alegres... Prefiro passar horas longas, aparando o sol, para dietas filosóficas, com o espírito desapegado num mundo imaginário (BOPP, 1956, p. 47).

Para além das informações e sensações do autor, temos o modo como narra, com exemplos significativos, numa linguagem simples e até coloquial, não assim tão distante da sua poesia. Renova-se aqui a constatação de que prosa e poesia se combinam tantas vezes, numa mistura de discursos e gêneros a que a antropofagia celebratória da vida e da deglutição da diversidade da matéria confere unidade e coerência, que, à primeira impressão, parecem não existir.

Daí que trechos e textos inteiros mudem, também eles, de lugar, como certos trechos que compõem *Notas de viagem – Uma volta pelo mundo em 30 dias* (1959), inicialmente dedicados à família e amigos, que aparecem também em *Coisas do Oriente* (1971) e *Longitudes* (1980). Faz isso parte do processo modernista de Bopp, canibalizando-se nessa devoração antropofágica de sentidos em viagem constante no interior de si e no exterior do mundo, em busca de sensações e da vertigem de uma obra a fazer-se, retomando-a, reformulando-a, reproduzindo-a, na ânsia hipermodernista de mais além.

O “sujeito sempre deslocado” poderia ser analisado segundo a perspectiva de uma situação psicanalítica, isto é, de uma profunda ruptura do sujeito antes considerado unitário e homogêneo, definitivamente em constante viagem, inclusive dentro de si próprio, numa inconstância que não permite qualquer esforço de escrita sistemática. E daí

tratar a sua própria obra como um conjunto de módulos mutantes, o que reforçaria as palavras de Cornejo Polar sobre o migrante:

O migrante como que deixa que se derrame sua linguagem, contaminando-a ou não, sobre a superfície e nas profundidades de uma deriva, em cujas estações se armam intertextos vulneráveis e efêmeros, descompassados, porque sua figuração primeira é a de um sujeito sempre deslocado (POLAR, 2000, p. 133).

Assim como o viajante que se desloca, a obra de Bopp também migra, circulando entre gêneros diversos e antecipando um tipo de multimodalidade. Encontramos, no acervo do poeta, o poema “Diábolus”, o primeiro da série com o mesmo nome, adaptado para o teatro. Esse fato revela que não apenas um trecho de um livro transporta-se para outro livro, mas a sua poesia emigra para o teatro, assim como *Cobra Norato* foi adaptado para o teatro de marionetes, pelo Giramundo¹⁰, em espetáculo de dança, pela Companhia de Dança Terra Brasilis¹¹ e também em balé¹². O texto datilografado, intitulado “Paraíso perdido¹³ (século XX)”, é denominado pelo próprio autor como “O esquema de um ballet”. O mesmo é composto por sete cenas que apresentam detalhes do cenário, figurino, iluminação e sonorização. O enredo é simples e pequeno: basicamente, o diabo, disfarçado de anjo, entra no céu, chega ao laboratório cósmico, de onde provoca intrigas, combates, guerras e, com bombas, destrói o planeta. Há também uma versão em francês. O “paraíso perdido” (que John Milton também glosou) remete para uma Amazônia idealizada ou, pelo menos, transformada em natureza heroica, significando a potência quase intocada pelo ser humano moderno (estava-se noutros tempos). Por outro lado, acresce a ideia do bailado, vendo-se assim que o autor concebe o texto também como ser mutante, atravessando gêneros e subgêneros, como se fosse precisamente um viajante.

Nesse acervo do poeta, existe também uma cópia da *Revista Kodak*, edição de 04 de outubro de 1919, de Porto Alegre, capaz de comprovar a hipótese da escrita fragmentária, própria do viajante, sobretudo tratando-se de viajante impetuoso e despreocupado com coerências e lógicas tradicionais de escritor com carreira planejada e

¹⁰ *Cobra Norato*, espetáculo do Grupo Giramundo, dirigido por Álvaro Apocalypse, em Belo Horizonte, 1979.

¹¹ *Cobra Norato*, a lenda, em São Paulo, 1995.

¹² *Cobra Norato*, balé, sob a direção de Lia Robatto, s/d, Salvador, e por Cláudio Santoro, 1967.

¹³ Ver ANEXO XII, (localizado no acervo do poeta).

ordem coercitiva de escrita e publicação, a que se assiste cada vez mais (independentemente de já ter existido, inclusive no século XIX, e basta pensar em Balzac ou Camilo Castelo Branco). Mesmo atendendo à fragmentação, à imprevisibilidade da escrita e à variação de materiais inclusos em vários suportes e tipos de discurso (mudando de gêneros), o autor trabalhou oficialmente a escrita e foi organizando as publicações para seguir uma nítida via de testemunho e elucidação do tempo que lhe coube vivenciar, não se podendo afirmar que se tratou de uma escrita inteiramente dominada pelos impulsos, sem revisões nem aperfeiçoamentos ou que fosse desordenada, ainda que o seu espírito inquieto e o seu corpo irrequieto parecessem que o levavam por caminhos de desacerto. Houve sempre um processo de construção, de reordenação, de reorientação noutros sentidos, com a finalidade de organizar e determinar um estatuto para os seus escritos, menos ao sabor das correntezas da vida do que se possa pensar e mais seguindo um princípio literário claramente herdeiro do modernismo antropofágico, que se coadunava com a vida e a visão de mundo de Bopp. Integrante do acervo do autor, o referido exemplar da *Revista Kodak* traz o que acreditamos ser a primeira versão do seu poema “Meu Alcaçar” – informação diferente da que Massi nos apresenta. Segundo o estudioso, a primeira publicação do poema teria acontecido em 21 de abril de 1922, na *Ilustração Brasileira*. Vale ressaltar, contudo, que o texto poético publicado em 1919, na *Kodak*, aparece com significativos traços, que não constam nas demais publicações.

Sobre isso, Zé Lima (1985) comenta: “Difícil encontrar esses poemas. O Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa¹⁴, por exemplo, não possui exemplares da *Kodak*” (LIMA, 1985, p. 37). Sabemos que o poema pertence à primeira fase da produção poética de Bopp, em que publicava de forma dispersa em jornais e revistas Brasil afora.

Observamos também que há uma discrepância considerável entre “Meu Alcaçar” e os poemas da fase modernista, pois o texto poético mantém a estrutura formal do poema parnasiano, permitindo a classificação das estrofes quanto ao número de versos, ao número de sílabas métricas, ou seja, quanto à escansão mais tradicional, e ainda, com esquema rimático, uso de linguagem rebuscada e vocabulário culto, além da presença de temáticas da mitologia grega e de outras componentes da cultura clássica europeia. É significativo considerar que o texto não se reduz a uma tradição europeia, a começar pelo título do poema, o vocábulo “Alcaçar”, que, conforme o dicionário¹⁵, significa castelo ou

¹⁴ Museu localizado em Porto Alegre.

¹⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alcaçar/> Acesso em: 03 de maio de 2023.

fortaleza, criação dos árabes para hospedar reis ou governantes, como observamos no verso:

Imperatriz das Galcondas.
 Nasceu em concha marinha
 - Pra recordar o que tinha.
 Guarda o soluço das ondas.
 (BOPP, 1919, s/p).

Pode-se notar que a imperatriz de uma cidade antiga, da região central da Índia, conhecida por seus tesouros e fortalezas em ruínas, nasce de uma concha do mar, lembra a pintura “O nascimento de Vênus”, de Sandro Botticelli (1483), em que a deusa clássica Vênus surge das águas precisamente em uma concha.

É importante ressaltar que esses versos só constam na sua primeira publicação, de 1919, na *Revista Kodak*, porque, nas demais publicações, essa estrofe foi suprimida, assim como outras.

A capacidade de reescrever o que já foi publicado é, inclusive, realçada por alguns críticos. Conforme Gilberto Mendonça Teles (1978), “o escritor que está sempre devorando a própria obra, modificando-a de edição para edição, num instintivo prazer de ‘mastigar-se’ e mastigar até a atitude perfeccionista que deve transitar do embaixador para o escritor” (TELES, 1978, p. 103). Para o ensaísta, Bopp buscava o perfeccionismo e, mais que isso, tratava-se desse jogo recursivo, próprio de sua escrita, pois, como já salientamos, a retomada e recorrência dos textos já publicados foram constantes no seu percurso.

Samburá – notas de viagens e saldos literários, foi publicado em 1973. O nome do livro refere-se a um tipo de cesto feito de cipó ou taquara trançado com uma tampa simples, às vezes, com separações internas. O objeto é muito usado em pescaria para colocar o pescado ou apetrechos de pesca, utilizado também para acondicionar objetos de costura, como linhas, botões, colchetes, etc, e ainda serve “para guarda de lembranças de família, amuletos e simpatias contra mau olhado” (BOPP, 1973, p. 11); enfim, o próprio título do livro sugere um bric-à-brac, ou seja, um procedimento típico do modo de entender a escrita e a edição por Bopp.

O próprio autor, nas notas explicativas, adverte: “O presente livro reúne, em desordenada mistura, retalhos de prosa de diferentes épocas, narrativas de minhas

andanças pelo Brasil e fora dele” (BOPP, 1973, p. 11). Com isso, apresenta o roteiro da sua primeira viagem, ainda na adolescência, para fora do Brasil, ao lado de suas viagens amazônicas: “Encontram-se enigmas por toda parte: De um pé de tajá (tajá que pia) nasce uma onça (invisível). Cipó se transforma em cobra. Boto vira Dom João. Há árvores que engravidam moças. (Meu pai é o Teperebá. Sou filho de Inajá, de Souza)” (BOPP, 1973, p. 22). Constatamos aqui que, para Bopp, mais do que recursos narrativos, trata-se de outra forma de olhar o mundo na ótica daqueles com quem convivia, que eram chamados de “primitivos”. Nesse caso, o olhar boppiano é, por isso mesmo, integrador, fragmentário e simultâneo; telúrico e cosmopolita; e, principalmente, metamórfico. Bopp ressalta que “viajava como podia: de gaiola, regatão, barco a vela, canoa de remo” (BOPP, 1973, p. 24); enquanto, ao pensar nos caboclos, seus anfitriões na floresta, afirma: “hospedei-me no barracão do seu Domingos, desertor na revolta Armada, em 93” (BOPP, 1973, p. 28). Em companhia do Seu Vivero, relembra que

descemos na montaria e entramos mato adentro, por um furo, até a palhoça de moradia, sustentada por estacas, fora do alcance das marés, com soalho de palmeiras e cobertura de palha de pindoba. Zuniam, em redor de mim, os pernilongos. Os pintos vinham beliscar os dedos dos pés, embaixo da mesa tosca (BOPP, 1973, p. 27).

Recorda-se também dos diálogos que ouvia:

– Gerôme está bem?
 – Não. Morreu na vespe de São João. Caiu n’água quando estava desbreviando a carga da catraia. Jacaré tomou conta dele.
 – Pobre coitado!
 Depois de uma pausa prolongada, seu Vivero perguntou por outras pessoas da família.
 – Morreu tomem. Diz de-que de microbé.
 (BOPP, 1973, p. 27).

Sobre as adversidades, Bopp (1973, p. 31) afirma: “Chegaram as primeiras febres, de tipo comum na região. Tomei quinino, como quem come amendoim. Mas de nada ajudou”. No livro *Raul Bopp, Zé Lima* (1985) afirma que o viajante desistiu de viajar até à Guiana Inglesa, passando pelos Rios Maú, Urariquera, Branco e Negro, pois “resolveu

voltar para cuidar da malária. Ficou um mês em tratamento em Clevelândia, divisa da Guiana então Francesa com o Amapá” (LIMA, 1985, p. 47). Bopp revela ainda as experiências na estrada de ferro Madeira-Mamoré, as dificuldades e vidas ceifadas para construí-la, além das viagens ao longo da América Latina. Em seus relatos viajzeiros, como refere o escritor Magris, encontram-se as características da simpatia/alegria e da distopia: “Utopía y desencanto. Muchas cosas se vienen abajo, cuando se viaja; certidumbres, valores, sentimientos, expectativas que se van perdiendo por el camino – el camino es un maestro duro pero también bueno” (MAGRIS, 2014, p. 17).

Por fim, na seção dedicada às páginas avulsas, em que se têm as suas considerações sobre livros de memórias, há a seguinte declaração: “Os livros de memórias, sobretudo notas de viagens, em geral me agradam” (BOPP, 1973, p. 71).

Em relação aos intercâmbios entre a vida do poeta e sua obra, podemos constatar, com base nos escritos de Eneida Maria de Souza, que “os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáforas e como componentes importantes para a construção de biografias, integram-se ao texto ficcional sob a forma de uma representação do vivido” (SOUZA, 2011, p. 157). Contudo, precisamos fazer certas ressalvas, “ter cautela”, conforme nos adverte o pesquisador Roniere Menezes:

é necessário, porém, ter cautela no estabelecimento de relações entre textos literários e experiências vividas. Pode-se vislumbrar a imagem do diplomata a partir de metáforas presentes no texto. Cumpre, no entanto, distinguir o profissional da voz narrativa (MENEZES, 2011, p. 162).

Dessa forma, podemos ressaltar que

a crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção (SOUZA, 2002, p. 105).

Diante disso, é evidente a maneira como a vida de Bopp confunde-se com sua obra, como uma influenciou determinantemente a outra, e vice-versa, no sentido da fragmentação e desordem da vida, que à mesma vida retornam na ordenação desordenada do discurso literário e memorial.

Considerações finais

Para Raul Bopp, o desejo de andarilhar antecedeu a escrita, quando, na adolescência, sozinho, encetou correr o mundo e, a partir dessa experiência, escreveu seus primeiros poemas, que foram publicados, utilizando temas folclóricos de forma inovadora. O período de formação universitária foi ensejo para prosseguir suas andanças, pois cursou Direito em quatro capitais e, à época, em Belém, começou a produzir seu *Cobra Norato*. Depois, experimentou valorizar as estradas de São Paulo, do Paraná e do Brasil, com trabalho de mapeamento e de percurso automóvel, o que motivou escritos e uma ação, que ainda hoje são subestimados. Em documentos localizados no acervo do poeta, reforça-se a ideia da reutilização dos seus materiais segundo as oportunidades de cada momento, desde logo verificando-se que não hesitava em refazer, republicar e replicar textos e títulos, num processo de que nunca se afastaria.

Em decorrência da desilusão litero-amorosa que coincidiu com o fim do modernismo antropofágico, viaja entre 1929 a 1931, num périplo a bordo de um cargueiro japonês, conclui *Cobra Norato*. De fato, foi possível reconstituirmos o percurso de elaboração de *Cobra Norato*, identificando os elementos que motivaram não apenas a composição do poema amazônico, mas de textos diversos, de diferentes fases da sua produção, através da leitura de documentação de arquivo.

Identificamos, então, uma escrita boppiana em que sobressaem fragmentações e montagens. A sua escrita fragmentária é própria do viajante, com estilo que emerge conscientemente do modernismo, num jeito especialíssimo que o identifica, com frases soltas, numa linguagem coloquial inspirada na oralidade tradicional e cotidiana, frequentemente utilizando palavras no diminutivo, tantas vezes com ironia e grande descontração, demonstrando o seu poder inventivo e a capacidade de improviso, que se tornaram reconhecidos inclusive nas tertúlias de amigos, antes e durante o modernismo e até ao seu falecimento, no Rio de Janeiro.

A fim de pensar esta literatura modernista como resultado de uma época de grandes mudanças repercutindo em impulsos criadores frenéticos e fulgurantes, com clara ilustração no seu caso. Sendo as viagens a sua obsessão, para conhecer o mundo em

contato direto, por elas se dispôs a escrever fragmentariamente textos literários, reportagens, memórias, testemunhos, cartas e bilhetes aos muitos amigos e outros interlocutores, mostrando também assim a sua criatividade, que incluía o bom humor, a ironia e a irreverência, tão característicos da antropofagia.

O refazer do universo literário de Raul Bopp – através da reavaliação e do seu reconhecimento - pelo trabalho da memória histórica, através dos arquivos, é também uma exortação ao continuado labor com a documentação que necessita do olhar dos pesquisadores, para ser possível reconstruir, com persistência e visões renovadas, as heranças dos antepassados.

Referências

1. Textos Literários, Críticos, Teóricos e Outros

ANDRADE, Carlos Drummond de. Raul Bopp: Cuidados de arte. In: _____. *Passeios na ilha: divagações sobre vida e obra literária e outras matérias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 184-188.

_____. Volta de Bopp. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17 de ago. de 1947, s/p.

_____. Volta de Bopp. *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 28 de set. de 1947, s/p.

ANDRADE, Oswald. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: TELES, Gilberto de Mendonça. *Vanguarda européia e o Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Cultrix, 1997, p. 326-331.

_____. Manifesto Antropófago. In; TELES, Gilberto de Mendonça. *Vanguarda europeia e o Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Cultrix, 1997, p. 353-360.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*. 1ª ed. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Irmãos Ferraz, 1931.

_____. *Urucungo*. Rio de Janeiro: [s. n.] 1932.

_____. *Cobra Norato*. 2ª ed. Rio de Janeiro: [s. n.] 1937.

_____. El rostro lacerado del África. *Revista Multicolor de los Sábados*. Buenos Aires, nº 33, 24 de mar. de 1934.

_____. *Notas de um caderno sobre o Itamaraty*. Berna: Druck Stampfli, 1956.

_____. *Notas de viagens – uma volta pelo mundo em trinta dias*. Berna: Druck Stampfli, 1959.

_____. *Movimentos modernistas do Brasil: 1922-1928*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1966.

_____. *Memórias de um embaixador*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

_____. *Putirum*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1969.

_____. *Coisas do Oriente – viagens*. Rio de Janeiro: Tupy, 1971.

_____. *“Bopp passado a limpo” por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Tupy, 1972.

_____. *Samburá – notas de viagens e saldos literários*. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1973.

_____. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1977.

_____. Viagens nos tempos de antigamente. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Livro das atas de 1977*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1977b, p. 01 - 10.

_____. *Mironga e outros poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Longitudes: crônicas de viagens*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980.

_____. *Cobra Norato e outros poemas*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

_____. *Vida e morte da antropofagia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. *Cobra Norato*. 28ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

_____. *Movimentos Modernistas do Brasil: 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. V. 1. São Paulo: Ed. 34, 1997.

MOURTHÉ, Fabíola. *Bopp, viajante infatigável pelas terras do sem-fim*. 115 f. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2012.

_____. *O percurso intelectual de Raul Bopp: viagem, escrita e intervenção social*. Braga: Crescente Branco, 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O bom dragão. In: BOPP, Raul. *Mironga e outros poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 118-122.

LIMA, Jorge de. *Poesia*. Org. de Luiz Santa Cruz. 3ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

LIMA, Zé. *Raul Bopp*. Coleção Esses Gaúchos. 2ª ed. Porto Alegre: Tchê!, 1985.

MAGRIS, Claudio. *El infinito viajar*. Trad. Pilar García Colmenarejo. 3ª ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 2014.

MASSI, Augusto (Org.). *Poesia completa de Raul Bopp*. São Paulo: José Olympio/Edusp, 1998.

_____(Org.). *Poesia completa de Raul Bopp*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

MENEZES, Roniere Silva. *O traço, a letra e a bossa: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

OLIVEIRA, Viviane Cristina. *Escritos em prosa e verso de Raul Bopp: releituras do modernismo*. 166 f. Dissertação (Mestrado). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

RÊGO, José Lins do. Texto sem título. In: BOPP, Raul. *Putirum*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1969, p. 159-161.

SOUZA, Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

_____. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007, p. 110-115.

TELES, Gilberto de Mendonça. *Vanguarda européia e o Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Cultrix, 1997.

2. Textos de Arquivo

Artigo de Carlos Drummond de Andrade. Arquivo literário, Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1947. 2 f.

BOPP, Raul. “Reflexos”. Acervo pessoal de Raul Bopp. Rio de Janeiro, 1974. 1f.

_____. “Esquema de um ballet”. Acervo pessoal de Raul Bopp. Rio de Janeiro, s/d. 6 f.

_____. “Meu alcaçar”. Acervo pessoal de Raul Bopp. Rio de Janeiro, s/d. 1 f.

Carta de Raul Bopp a Adolfo Alencastro Guimarães descrevendo o Japão de forma elogiosa e criticando a conduta discriminatória contra os japoneses, existente no Brasil. Yokohama. CPDOC, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1935. 7 f.

Carta de Raul Bopp a Augusto Meyer. Arquivo Literário da Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, s/d. 1 f.

Carta de Raul Bopp a Augusto Meyer. Arquivo Literário da Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. s/d, 1 f., juntamente com o poema “Cobra Norato”, cópia datilografada. Arquivo Literário da Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, s/d. 18 f.

Carta de Raul Bopp a Luís Vergara sobre assuntos pessoais e sobre as possibilidades do café brasileiro no mercado japonês. Yokohama. CPDOC, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1935. 11 f.

MAÇO PESSOAL do diplomata Raul Bopp. Acervo Histórico do Itamaraty. Brasília.

Recortes de reportagens e documentos sobre a viagem de Raul Bopp no Paraná. Acervo pessoal de Raul Bopp. Rio de Janeiro. S/d. 5 f.

Telegrama de Raul Bopp a Ribeiro Couto informando que iria para Lisboa. S/d. Acervo histórico do Itamaraty. Brasília. 1 f.